

De muitas formas diferentes, este número é testemunha, reflexo e consequência dos anos difíceis da pandemia da COVID-19 que ainda está bem próxima na memória corporal e social de nosso tempo.

O número, inicialmente pensado para comemorar os 10 anos da revista, recebeu diferentes contribuições em uma chamada pública que, por meio de uma decisão difícil, estão reunidos neste segundo número de 2022 (Inverno), e que esperamos poder nos energizar em direção aos incesantes enfrentamentos que se colocam a cada dia.

Assim, antes de apresentar os textos desta edição (11 artigos, uma experimentação e uma tradução), quero mais uma vez agradecer ao apoio e suporte para continuarmos editando **Geograficidade**.

Começo pelo “fim”, pela seção sempre importante de **Experimentações**, que continua a ser um espaço raro de manifestações não doutas. Thiara Vichiato **Breda** nos apresenta sensíveis composições em “BioCARTOgrafias: escrevendo caminhos e mapeando trajetórias”: exercício potente de entrelaçamento de afetos emocionais de trajetórias geográficas expressas cartograficamente.

A tradução apresentada por Felipe Costa Aguiar e Antonio Bernardes traz para o público brasileiro texto do filósofo Dylan **Trigg**, que participou da edição on line do “Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia”, ocorrido em plena pandemia, em 2021. “Atmosferas de angústia: o caso da COVID-19” é uma reflexão profunda da situação-limite vivida globalmente, na qual o autor articula uma fenomenologia da angústia para defender sua emergência na pandemia aprofunda uma atmosfera geral de angústia, característica de nosso tempo.

Dentre os textos da seção **Artigos**, alguns reverberam a trajetória da **Geograficidade**, apresentando um conjunto variado de contribuições voltada para a produção da revista ou que reflete aspectos em suas margens comunicantes. As demais contribuições compõem um quadro das pesquisas e abordagens recentes da Geografia, tanto do ponto de vista teórico, quanto da multiplicidade de pesquisas específicas.

Os três primeiros artigos trazem contribuições eminentemente teóricas: “Daseinsphaenomen in Paterson: existência e os estares do ser no cotidiano”, de Gilvan Charles Cerqueira de **Araújo**, por exemplo, aprofunda a discussão heideggeriana do ser-no-mundo a partir da obra de Paterson, enfatizando a relevância do estar e suas multiplicidades. Leonardo Luiz Silveira da **Silva** e Alfredo **Costa** reverberam as “Teorias Não-Representacionais e Geografia: reflexões e perspectivas”, importante tendência que polemizou especialmente a geografia anglosaxã. Esta é trazida pelos autores como possibilidades para os estudos geográficos brasileiros. Por fim, “A narrativa rizomática e as experimentações na cidade”, de Gustavo **Pimenta**, Antônio Carlos **Queiroz Filho** e Feres Lourenço **Khoury**, traz uma perspectiva da filosofia da diferença (sobretudo Deleuze-Guatarri) para pensar a cidade a partir de uma perspectiva sensível e experimental.

Os dois artigos seguintes apresentam indicações diretas ou indiretas à **Geograficidade** e sua produção, ou ao movimento que ela representa. Cássio Lopes da Cruz **Novo**, José Arilson Xavier de **Souza**, Carliane **Sandes**, por exemplo, em “Geografias e(m) movimento em terras festivas – pesquisas, comemoração e homenagem”, realizam bela homenagem a João Batista Ferreira de Mello, entrelaçando os temas abrangidos pela revista com a trajetória dos autores junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Já em “Contornos para a educação geográfica: que pode a Revista Geograficidade?”, Tiago Rodrigues **Moreira** e Felipe Costa **Aguar** navegam pelos 10 anos da revista em busca de contribuições para a educação geográfica.

Os demais artigos ajudam, como apontado, a traçar um panorama de pesquisas recentes em diferentes campos da Geografia e de sua relação com outras áreas. Rosalvo Nobre **Carneiro** e Fabio Rodrigo Fernandes **Araújo**, em “Diferenciações espaciais do mundo da vida e colonização da queimação do Judas e a dança de caboclos na América Latina”, buscam mostrar, a partir do estudo destas manifestações populares, a colonização sistêmica no continente a partir do agir comunicativo de Habermas. “Compreensão das experiências geográficas de educadores do assentamento Paulo César Vinha a partir dos conceitos de poética de formação de Edna Castro de Oliveira e de geograficidade de Eric Dardel”, de Júlio de Souza **Santos**, tem um título autoexplicativo, contribuindo para as relações da Geografia com a educação no campo. Leonardo Berté **Nunes** e Benhur Pinós da **Costa**, em “A fenomenologia de Merleau-Ponty e as potencialidades teóricas e metodológicas para as pesquisas em geografia”, revisitam a obra do grande filósofo francês, apontando possibilidades e desafios para os estudos geográficos. Felipe Kevin Ramos da **Silva** também mobiliza a fenomenologia, mas para pensar a poética e a experiência ribeirinha marajoara em “À beira do rio: (des)caminhos para (re)pensar a experiência geográfica ribeirinha na Amazônia-Marajoara, Pará”. A relação das sexualidades e os espaços públicos é trazida por Robson Cerqueira **Ferreira** e Patrícia **Ponte** em sua pesquisa realizada em Salvador: “Do cristo ao porto: afetividade LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador”, tema relevante e que tem tido grande repercussão na Geografia contemporânea. Por fim, Erick Vinicius Pereira **Lopes** traz os sentidos da pichação em letras de RAP, em “Geografia cancionista: Resquícios da pichação atrelados ao RAP”, destacando a maneira como estas expressam uma forma de viver a cidade.

Ficamos felizes de lançar mais este número de **Geograficidade**, esperando que ele seja um elo de fortalecimento de um movimento que teima em não cessar.

Boa leitura!

Eduardo Marandola Jr.
Editor-Chefe